

Análise do figurino masculino de orgulho e preconceito (2005).

Analysis of the Male Costume Design in Pride and Prejudice (2005).

Yana Eugênio

Universidade Federal do Ceará - UFC

Instituto de Cultura e Arte - Bacharelado em Design - Moda

{yanaponteseugenio@gmail.com}

Resumo. O final do século XVIII e o início do século XIX foram permeados de revoluções e mudanças, inclusive nas relações sociais e na moda. Uma das pessoas que contribuíram para o conhecimento dessas mudanças foi a autora Jane Austen por meio de seus livros, os quais possuem características românticas e realistas, escolas literárias vigentes à época. Uma das adaptações desta obra para o cinema, o figurino especificamente, será o objeto de comparação entre a indumentária vigente no período e o vestuário masculino utilizado no filme, objetivando conhecer a veracidade deste e a utilização deste conteúdo para estudos. Além de ajudar na compreensão das vestes do protagonista ao longo do filme.

Palavras Chave: Orgulho e Preconceito; Figurino; Roupas e Filme.

Abstract. *In the end of the 18th century and in the beginning of the 19th century, revolutions and changes happened, including in the social relations and in the fashion. One of the people who contributed for the knowledge of these changes was the author Jane Austen via books, which have romantic and realistic characteristics, literary schools of that time. One of the adaptations of her books for cinema, the costume design specifically, is the subject of comparison between the clothes of the epoch and the male costume design of the movie, expecting to know the veracity of it and the use of this content for studies. Besides, it helps to justify the use of the clothes by the main character during the movie.*

Keywords: *Pride and Prejudice; Costume Design; Clothing and Movie.*

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística

Edição Temática: Cultura e Comportamento

Vol. 5 nº 2 – novembro de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac

ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>

E-mail: revistaic@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

1. Introdução

Jane Austen, como escritora, inspirou milhões de meninas e meninos de todas as idades, desde o século XIX, com seus romances irônicos e realistas da sociedade britânica. A autora encontrou na escrita um modo de traduzir para a sua realidade o que lia nos livros da biblioteca do pai.

A história de *Orgulho e Preconceito* é tão envolvente, que, atualmente, ainda é um dos livros mais lidos do mundo (SEIXAS, 2011). Tamanho o interesse do público jovem no enredo, foi diversas vezes adaptado tanto para o cinema, como para o teatro e a televisão.

A indumentária do homem utilizada à época é retratada no filme. Portanto, o objetivo deste artigo é comparar a indumentária masculina do período com a adaptação cinematográfica de 2005 do livro de Jane Austen e verificar a sua veracidade em relação ao vestuário do momento por meio do protagonista, Mr. Darcy (*Matthew Macfadyen*), entendendo também como a veste ajuda a compreendê-lo.

Esta pesquisa é de natureza documental, pois avaliou o figurino do filme *Orgulho e Preconceito* (2005) e bibliográfica. O motivo da escolha desse tipo de pesquisa é a permissão para avaliar qualquer tipo de documento, podendo ser gravações, pôsteres, vídeos, dados e até mesmo um filme (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). A análise foi feita da seguinte forma: assistir ao filme, anotar a indumentária usada pelo protagonista e comparar com as roupas utilizadas no período, depois de um estudo bibliográfico do indumento utilizado à época; analisar cores e modelagens usadas pelo personagem que mostrem a mudança do protagonista ao longo do filme.

2. A vida de Jane Austen

Biografia

Jane Austen nasceu no dia 16 de dezembro de 1775 em *Hampshire*. Filha de Cassandra Leigh Austen e de George Austen foi criada entre oito irmãos, sendo ela a sétima filha. Seu pai era reverendo e isso lhe permitiu conviver com pessoas da Alta sociedade britânica, tendo grande referência em seus romances e personagens os costumes e os hábitos de tal classe.

Jane passou poucos anos de sua vida na escola. Por volta de 1785, ela foi mandada a um internato em *Abbey* para aprender a ler (ZARDINI, 2013). Sua educação se baseou, prioritariamente, na biblioteca de casa, onde também aprendeu a desenhar, a bordar e a tocar piano. Seu primeiro romance foi escrito entre os anos de 1796 e 1797 e tinha como nome *Primeiras Impressões*, porém não conseguiu publicá-lo à época. No futuro, se tornaria o seu mais famoso romance, chamado *Orgulho e Preconceito*. Em seguida, Jane fez a tentativa de iniciar sua carreira literária com o romance *Susan*, que foi comprado por um editor em 1803, porém só foi publicado anos mais tarde, após ser revisado e ganhar o título de *A Abadia de Northanger*.

Antes mesmo de conseguir publicar seu primeiro livro, Jane perdeu sua grande incentivadora e mentora, em 1804, Madame Lefroy, esta foi tia do nobre pelo qual Jane se apaixonou, em 1795, e que a persuadiu a desistir do romance, pois acreditava que não era vantajoso para o sobrinho contrair matrimônio com uma moça sem posses, nem posição social como Jane, inclusive enviou-o para morar longe da moça. Depois, Jane perdeu o pai, que morreu em 1805, deixando ela, sua mãe e a irmã mais velha com quase nenhum meio de sustento. Desse modo, elas começaram a viver na casa de um irmão mais abastado, que as ofereceu um chalé para moradia (ZARDINI,2013).

Jane teve seu primeiro romance publicado com o título *Razão e Sensibilidade* em 1811. No mesmo ano, Austen começou a escrever *Mansfield Park* e finalizou *Orgulho e Preconceito*, o qual foi publicado em 1813. Jane escreveu *Emma* em 1815 e *Persuasão*, que foi seu último romance, publicado em 1818, após sua morte. Em 1817, começou a escrever *Sanditon*, porém não conseguiu terminar, pois, no mesmo ano, começou a adoecer e, devido ao agravamento de sua doença, teve que se submeter a tratamento médico. Jane Austen morreu no dia 18 de julho de 1817, aos 41 anos, em *Winchester*, e deixou todos os bens os quais possuía à sua irmã e confidente, Cassandra (SEIXAS, 2011).

Austen nunca se casou e passou toda a vida ao lado de sua mãe e de sua irmã. As três eram financeiramente auxiliadas pelo irmão, pois não tinham dinheiro para o próprio sustento. Segundo Seixas (2011), apesar de ser reconhecida como escritora ainda em vida, Jane não ganhava o suficiente para se sustentar. Além disso, era mal vista pela sociedade, pois era uma escritora solteira, apesar de esta ser uma profissão comum entres as mulheres nessa condição. Por isso, publicava seus romances sob um pseudônimo.



Figura 1. Representação de Jane Austen

Austen, Restrições Sociais e Personagens

Jane Austen viveu em uma época na qual as mulheres sofriam duras restrições impostas pela sociedade, e, em seu primeiro romance, *Orgulho e Preconceito*, ela retrata isso por meio das personagens e das dificuldades encontradas durante a vida. Em *Orgulho e Preconceito*, Jane vai além da óbvia crítica às relações de poder, pois tem em Elizabeth Bennet uma mulher confiante e forte, diferente de seus outros personagens. Elizabeth não tem apenas um lado, ou sensível, ou forte, ela encontra um meio termo entre os dois, o que acaba criando uma personagem sensata e destemida, mesmo em meio aos inúmeros tabus.

Austen teve uma existência marcada pelas diferenças sociais tanto entre homens e mulheres, quanto entre classes mais altas e mais baixas. Isto era visível pelas pressões exercidas pela sociedade sobre o casamento, o sustento da mulher deveria ser provido por meio de um bom enlace e a estabilidade e liberdade financeira demonstrada pelos homens de sua época (SEIXAS, 2011). Portanto, em seus romances, Jane expressa claramente não apenas um sentimento romântico de uma visão de casamento e felicidade, há, na verdade, a crítica e o desagrado pela sua própria maneira de viver e de sua vontade de mudança. Entretanto, como ocupava um lugar na classe média, Jane podia perceber com clareza e transcrever em suas obras questionamentos morais e sociais a respeito das divisões tanto dos mais pobres, quanto dos mais ricos.

3. Contexto Histórico

A história de *Orgulho e Preconceito* é permeada pela influência dos acontecimentos do final do século XVIII e início do século XIX. Por meio da história, é possível entender as mudanças de comportamento e da moda do período, auxiliando na compreensão do enredo do filme.

Revolução Francesa

Os principais acontecimentos dessa época foram a Revolução Francesa e a ascensão e a derrota de Napoleão Bonaparte. A Revolução Francesa iniciou no final do século XVIII, mais precisamente no ano de 1789. De acordo com Coggiola (2013), a atmosfera da França durante esse período era de inconformidade com a realidade, pois a camada mais pobre da sociedade era a única que sustentava toda a riqueza do clero e da nobreza. Assim, a Revolução representou uma busca de liberdade dessas camadas de todas as diferenças de tratamento as quais estavam submetidas.

Com a Revolução Francesa, a nobreza da época foi destituída do seu lugar na sociedade e foi criada a Assembleia Constituinte, a qual estava dividida em terceiro estado (camada mais pobre) pelos jacobinos e em alta burguesia pelos girondinos (GARCIA; SEVEGNANI, 2011). A mesma alta burguesia foi representada no poder por Napoleão Bonaparte que tinha como objetivo controlar a instabilidade social.

Um evento de destaque durante o Império Napoleônico foi o Bloqueio Continental, o qual proibia todas as nações aliadas da França a fazerem comércio com a Inglaterra (SOARES, 2003). Dessa forma, a nação britânica ficou isolada, de modo que não recebia

influências francesas para seu vestuário e para o seu comportamento. Com a derrota definitiva de Napoleão, veio ao poder uma união do Partido Radical e do Partido Moderado.

Esses acontecimentos do século XVIII influenciaram no comportamento do século XIX, pois, por meio da Revolução Francesa, o estilo francês foi propagado em toda a Europa. Por conta dessa difusão, o requinte deste Estado foi muito copiado em todos os outros países. Pelo o comportamento, os franceses divulgaram duas correntes, o Neoclassicismo e o Romantismo.

Neoclassicismo e Romantismo

O Neoclassicismo foi um movimento que não influenciou só as artes, como também o comportamento e a moda. De acordo com Oliveira, Faria e Navalon (2010), essa organização pregava a reutilização dos componentes estilísticos do mundo antigo, greco-romano, como a simplicidade das formas e das linhas, entrando em conflito com o exagero do século XVIII presente nas roupas e nas artes.

Não só de forma visual, os neoclassicistas defendiam a dedicação aos sentimentos e às ideias puras. O conceito de pureza foi muito estudado nessa época, portanto os costumes familiares e tradicionais estavam sendo bastante observados.

Nascido do Neoclassicismo, o Romantismo tinha ideais similares. A principal diferença era que o Romantismo buscava as características mais sábias por meio da introspecção bucólica. Essa Escola conflitava com a rigidez intelectual, ou seja, buscava que o ser humano fosse mais subjetivo e original e dizia que a forma para a qual ele alcançasse esse subjetivismo fosse por meio da natureza e da convivência com o puro (OLIVEIRA; FARIA; NAVALON, 2010).

O hedonismo, o ceticismo e a ociosidade eram criticados, de forma que eram considerados costumes não puros. Esses pensamentos em busca do ser melhor foram além do comportamento, tanto que a arte e a moda se tornaram bem mais simplistas. A ideologia simplista era uma forma de contestar a anterior, a ostentação da nobreza, a fim de reforçar o ideal da Revolução.

4. Vestuário Masculino no Final do Século XVIII e Início do Século XIX

Para João Braga (2007), os homens passaram pela revolução do dandismo, que, além de ter causado modificações no vestuário, era um estilo de vida. Nele, adereços e enfeites foram excluídos e deram lugar a uma roupa impecável e favorável à sobriedade. As cores usadas eram preto, azul, verde, cinza, ... tonalidades mais escuras e terrosas, dando um aspecto mais sério aos homens que os usavam. As roupas dos dândis eram casacos de golas altas, coletes abotoados e de golas altas, calças compridas ou calções de camurça (*breeches*) de corte perfeito, sem rugas. Boucher (1987) afirma que as camisas possuem colarinho alto e, no pescoço, usavam o plastron, um tipo de lenço, no qual poderia ser feito nós bem complicados. Toda essa roupa demonstrava a empáfia do homem dândi.

Acessórios e Cabelo

A cartola era o chapéu utilizado na época e as botas de montaria eram os sapatos usados pelos homens. João Braga (2007) afirma ainda que os cabelos utilizados eram mais naturais. Os homens usavam o cabelo "à moda Tito" ou "à ventania", de aspecto levemente desgrenhado.



Figura 2. Roupas típicas do homem dândi.

5. Mr. Darcy

Mr. Darcy é um homem muito rico, orgulhoso e desagradável, julgando os outros pela beleza ou etiqueta. Daí, a utilização, no início do filme, de roupas mais escuras e justas.

O personagem costuma usar casacos azul escuro ou preto; calças pretas, marrons, cinzas ou beges; coletes pretos; camisas e plastrons brancos; cartolas e botas de montaria pretas. O cabelo é "à ventania". Nota-se, então, a equidade entre o vestuário da época e o figurino do filme. As roupas são bastante concordantes com o estilo dândi e dão a ele um tom sério pela paleta de cores (BELLANTONI, 2005).



Figura 3. Mr. Darcy no início do filme

Porém quando ele apaixona-se por Elizabeth, seu preconceito esvai e ele tenta conquistá-la de várias formas. Nota-se que o figurino do rapaz segue a lógica do crescimento do amor por Elizabeth. À medida que seu amor aumenta e seus sentimentos pérfidos diminuem, as roupas seguem o mesmo padrão, pois o homem busca na vestimenta a expressão do seu ser (BUSO; LOPES, 2010).

Assim, ele vai usando diferentes tipos de corte de casacos e cores sóbrias, porém mais claras. O plastron, símbolo da arrogância do dândi (BRAGA, 2007), deixa de aparecer. Até que ele culmina o filme usando apenas um casaco azul desabotoado, uma calça bege, uma blusa branca e botas pretas, simbolizando o despir do seu orgulho em favor do amor da protagonista, por isso, ele usa cores mais claras, como o branco, simbolizando a pureza dos seus sentimentos (BELLANTONI, 2005).



Figura 4. Mr. Darcy no final do longa metragem.

6. Conclusão

As mudanças ocorridas na história, no final do século XVIII e início do século XIX, na sociedade, na arte e na política, influenciaram um estilo de vida masculino chamado dandismo. Neste, as roupas masculinas davam a eles um ar sóbrio e sério. Conclui-se que a pesquisa feita pela figurinista foi completa, pois os modelos são bastante compatíveis aos do período. O espectador é posto, na época retratada, por meio das roupas, podendo o filme tornar-se uma ferramenta de estudo histórico. Porém, de forma mais abrangente, podemos perceber que a personalidade e os sentimentos do personagem são mostrados. Então, nota-se a utilização de tons mais escuros e terrosos e de roupas mais sérias e presas ao corpo, como se o personagem estivesse algemado a sua arrogância no início do filme. Ainda usando cores terrosas no final, porém, mais claras, e roupas de modelagens mais abertas e soltas, vemos a diferença do protagonista por meio de suas vestes, que mudou o seu caráter devido ao amor pela heroína do longa metragem.

Referências

AGUIAR, Andréa de. **Imagem, feminino e resistência na moda**. In: enmoda Disponível em:

<https://www.enmoda.com.br/site/pesquisas/lista.asp?menu_codigo=1&busca=imagem%2C+feminino+e+resist%EAncia+na+moda>. Acesso em: 11 fev. 2013.

BELLANTONI, Patti. **If It's Purple Someone's Gonna Die: The Power of Collor in Visual Storytelling**. Oxford: Focal Press, 2005.

BOSSO, F. et al. **Louise May Alcott e Jane Austen: o papel da mulher na sociedade do século XIX retratado nas obras Orgulho e Preconceito e Mulherzinhas**. 2009. Disponível em: <http://www.escretaedesign.com.br/fotos/atividades/TCC_JANE_E_LOUISE8.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2013.

BOUCHER, F. **História do Vestuário no Ocidente**. Paris: Cosacnaify, 2010.

BRAGA, J. **História da moda: uma narrativa**. São Paulo: Anhembi Morumbi. 2007.

BUSO, V; LOPES, T. A Modelagem para a construção da identidade masculina. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., 2010, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Colóquio de Moda, 2010. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-deModa_2010/71908_A_modelagem_para_a_construcao_da_identidade_masculina.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

COGGIOLA, Osvaldo. Novamente a Revolução Francesa. **Projeto História**, São Paulo, V1, N.47, ago. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137/14208>>. Acesso em 03 fev. 2015.

GARCIA, Marcos Leite; SEVEGNANI, Joacir. A luta pela liberdade e as origens do Poder Constituinte: a obra do abade Sieyès e a Revolução Francesa. **Revista Brasileira de**

Direito Constitucional: RBDC, São Paulo, v. 1, n. 17, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.esdc.com.br/RBDC/RBDC-17/RBDC-17-183->

Artigo_Marcos_Leite_Garcia_e_Joacir_Sevegnani_(A_luta_pela_liberdade_e_as_origens_do_Poder_Constituinte).pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

OLIVEIRA, V; FARIA, J; NAVALON, E. Design, moda e vestuário no século XIX (1801-1850). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 9.,2010,São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design,2010. Disponível em: <http://blogs.anhembi.br/congressodesign/anais/artigos/70169.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2013.

ORGULHO e Preconceito. Produção de Tim Bevan, Eric Fellner, Paul Webster. Londres, UNIVERSAL, 2005. 1 DVD.

SÁ-SILVA, J.R; ALMEIDA, C.D; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p.1-14, jul. 2009.

SEIXAS, L. S. In:história e-história. **Jane Austen e a fantasia de poder em "Orgulho e Preconceito"**. Curitiba,2011. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=166>>. Acesso em: 13 maio 2014.

SOARES, Leonardo Humberto. Napoleão Bonaparte. **Site NetHistória**. Brasília, set. 2003. Sessão Artigos. Disponível em: <http://www.nethistoria.com.br/secao/artigos/320/napoleao_bonaparte/capitulo/4/>. Acesso em: 13 mai. 2014.

SUELY, Gyzely. Adaptação de orgulho e preconceito de Jane Austen para o cinema: as temáticas do universo feminino. Fato&versões, Uberlândia, v.1, n.2, 2009. Disponível em: <http://revista.catolicaonline.com.br:81/revistadigital/index.php/fatoeversoes/article/view/File/33/104>. Acesso em:11 fev.2013.

ZARDINI, A.S. A identidade feminina na obra 'Orgulho e Preconceito' de Jane Austen. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LÍNGUISTICA, 14. 2013, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Edufu, 2013. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf>. Acesso em: 13 maio 2014.

Recebido em 01/03/2015 e Aceito em 26/05/2015.